



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

MARCELO INÁCIO DOS SANTOS

IDENTIDADE E MISSÃO DO LEIGO NA IGREJA E NO MUNDO

GOIÂNIA
2021

MARCELO INÁCIO DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Teologia, sob orientação do prof. Pe. Me. Mauro Francisco dos Santos.

GOIÂNIA
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO: TEOLOGIA**

ORIENTANDO: MARCELO INÁCIO DOS SANTOS

IDENTIDADE E MISSÃO DO LEIGO NA IGREJA E NO MUNDO

Monografia apresentada ao Curso de Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharelado em Teologia.

APROVADA EM ____ DE _____ DE 2021

BANCA EXAMINADORA

Professor Me. Pe. David Pereira de Jesus

Professor Me. Pe. Mauro Francisco dos Santos

Professor Me. Pe. Sílvio Rogério Zurawsky

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por chegar ao fim do Curso de Teologia e assim vivenciando e colocando em prática o múnus próprio do laicato, desenvolvendo o protagonismo e sempre desejando a missão na Igreja.

Ao Padre Rodrigo de Castro Reitor do Santuário Basílica Sagrada Família, o maior incentivador desde o início do curso de Teologia. O Padre Davi Pereira de Jesus que teve muita paciência no meu aprendizado. Ao Padre Mauro Francisco dos Santos, meu Orientador, foi de alta ajuda no decorrer do curso. Aos demais professores da PUC Goiás que contribuíram de um modo ou de outro para a minha formação teológica.

À Comunidade Cristo Redentor na Vila Redenção, na pessoa do Padre Silvio R. Zurrawski, onde pude praticar meu estágio pastoral e tive todo apoio e orientação necessária.

À minha família, minha esposa Évani e meus filhos Maria Eduarda, Lucas, Tiago, que foram os que mais me apoiaram tanto nas dificuldades de usar a informática, como também no tempo de ausência por causa dos estudos.

RESUMO

Os leigos compõem boa parte da Igreja Católica. Vemo-los em atividades extra eclesiais da mesma forma que exercendo inúmeras funções nas comunidades e nos movimentos paroquiais. São inseridos no corpo místico de Cristo pelo batismo, que os regenerou para a nova vida e os tornou filhos adotivos de Deus. Pela regeneração batismal, todos se tornam povo de Deus (Igreja) e participam da mesma vida de santidade da cabeça, que é Cristo. Isto lhes garante direitos e lhes impõe deveres. Como membros de um mesmo corpo, sua tarefa é propagar o Evangelho em todo o mundo e dar testemunho de Cristo, especialmente no exercício das atividades seculares. Na particularidade de sua vocação, sejam eles solteiros ou consagrados pelo Sacramento do Matrimônio, na vida conjugal bem como na educação dos filhos, devem, de acordo com suas realidades temporais, dar testemunho de Cristo. Desde o Concílio Vaticano II (1962-1965) muito se tem falado sobre a missão dos leigos, percebe-se que, todavia, a maioria dos fiéis nas comunidades não se reconhece como protagonista da sua missão.

Palavras-chave: leigos, protagonistas, missão, Concílio Vaticano II

ABSTRACT

Lay people make up a large part of the Catholic Church. We see them in extra-ecclesial activities, as well as exercising numerous functions in communities, in parish movements. They are inserted into the mystical body of Christ by baptism, which regenerates them to new life and makes them adopted children of God. Through baptismal regeneration, all become God's people (Church) and participate in the same life of holiness of the head, which is Christ. This guarantees them rights and imposes duties on them. As members of the same body, their task is to spread the Gospel throughout the world and bear witness to Christ, especially in the exercise of secular activities. In the particularity of their vocation, whether they are single or consecrated by the sacrament of marriage, in married life as well as in the education of their children, they must, in accordance with their temporal realities, bear witness to Christ. Since the Second Vatican Council (1962-1965) much has been said about the mission of the laity, it is clear that, however, the majority of the faithful in the communities do not recognize themselves as protagonists of their mission.

Keywords: lay people, protagonists, mission, Second Vatican Council

SIGLAS

AA – *Apostolicam Actuositatem*

AG – *Ad Gentes*

CEB's – Comunidades Eclesiais de Base

CEC – Catecismo da Igreja Católica

ChL – *Christifideles Laici*

CIC – Código de Direito Canônico

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DAp – Documento de Aparecida

DV – *Dei Verbum*

EG – *Evangelii Gaudium*

GS – *Gaudium et Spes*

LG – *Lumen Gentium*

QA – *Quadragesimo Anno*

PCAL – Pontifícia Comissão para a América Latina

RN – *Rerum Novarum*

SC – *Sacrosanctum Concilium*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A IDENTIDADE E MISSÃO DO LEIGO NA IGREJA	11
1.1 CRISTO REVELA O HOMEM AO HOMEM.....	11
1.2 A IGREJA SACRAMENTO DE CRISTO PARA O MUNDO.....	13
1.3 OS LEIGOS NA SAGRADA ESCRITURA	15
1.4 O APOSTOLADO DOS LEIGOS	22
1.5 O MÚNUS SACERDOTAL, PROFÉTICO E REAL.....	24
2 O LEIGO NOS DOCUMENTOS DA IGREJA	25
2.1 O LEIGO ANTES DO VATICANO II.....	25
2.2 O LEIGO NO CONCÍLIO VATICANO II.....	30
2.3 O LEIGO NOS DOCUMENTOS APÓS O CONCÍLIO VATICANO II.....	33
3 PERSPECTIVAS PASTORAIS PARA A ATUAÇÃO DOS LEIGOS NOS PRÓXIMOS ANOS	37
3.1 A ATUAÇÃO DOS LEIGOS NA VIDA PÚBLICA.....	39
3.2 O ROSTO DO LAICATO NO MUNDO GLOBALIZADO E ALGUNS DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre a participação dos leigos na Igreja Católica é uma tarefa de fundamental importância porque estes constituem a maior parte da Igreja e são eles que estão profundamente inseridos nas realidades temporais, onde a Igreja de outro modo, não chegaria. Com a atenção dada aos leigos, sobretudo a partir do Vaticano II, o assunto tem conquistado grande relevância no coração dos religiosos e consagrados e, claro, dos próprios leigos em geral.

Para refletir sobre o tema, algumas obras foram tomadas como ponto inicial de reflexão, documentos da Igreja, especialmente os do Concílio Vaticano II, Documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – nº 62¹, 105², 102³, além de algumas exortações apostólicas como a *Christifideles Laici (ChL)*⁴, *Evangelii Gaudium (EG)*⁵ e *Ad Gentes (AG)*⁶.

Os leigos constituem uma grande porção do Corpo Místico de Cristo e realizam a seu modo o tríplice múnus de Cristo. A Igreja nos últimos anos, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, têm dado especial atenção ao ministério laical em seu interior. Diversos documentos abordam a missão eclesial e a presença no mundo por parte dos leigos sob inúmeras perspectivas e, por isso, devem ser consultados para uma ulterior compreensão de seu ministério.

A hipótese deste trabalho é que os cristãos leigos possuem uma maneira única de exercerem seu ministério na Igreja e no mundo, uma vez que, são homens do mundo no coração da Igreja e homens da Igreja no coração do mundo. Assim, os que foram constituídos membros do Mistério da Igreja, alcançam, de maneira particular, os lugares onde aqueles que possuem o Sacramento da Ordem não podem alcançar plenamente. Então, o ministério dos leigos é fundamental para a evangelização dos povos e culturas.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro será apresentado a identidade e missão do leigo na Igreja a partir das fontes da Sagrada Escritura e da Tradição, especialmente

¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – *Missão e Ministérios dos cristãos leigos e leigas*. (Documento 62). São Paulo: Paulinas, 1999, n.10.

² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. *Cristãos Leigos e Leigas Na Igreja E Na Sociedade*. (Documento 105). 1. Ed. São Paulo: Paulinas, 2016.

³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. (Documento nº 102). 1. Ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica de. *Christifideles Laici. A Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*. 16 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

⁵ PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. A Alegria do Evangelho*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes: sobre a Atividade Missionária na Igreja*. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

aquela expressa nos documentos eclesiais. De forma particular, será bíblicamente apresentado a figura de Cristo, conforme ele se apresenta na Sagrada Escritura, revelando à humanidade sua verdadeira vocação. No segundo capítulo será apresentado a figura do leigo a partir dos documentos eclesiais. O ponto de partida será o Concílio Vaticano II e como sua compreensão da Igreja e do leigo em seu interior foi se concretizando e ganhando contornos expressivos nos documentos pós-conciliares, especialmente documentos papais e os documentos latino-americanos. No terceiro capítulo serão apresentadas algumas perspectivas pastorais para a atuação do laicato nos dias atuais, com os novos desafios e urgências que poderão ser afrontadas pela presença capilar do leigo no mundo para transformá-lo, abrindo caminhos para o crescimento do Reinado de Deus.

1 A IDENTIDADE E MISSÃO DO LEIGO NA IGREJA

A compreensão da identidade, missão e vocação do leigo mudou no decorrer dos anos na história da Igreja. Em diversos momentos a consciência do que é ser leigo não estava clara e, devido ao contexto, começou-se a ter conotações negativas sobre o leigo, como se este fosse um cristão de segunda categoria.

A identidade do cristão leigo está profundamente enraizada na teologia da Igreja, nas palavras de Jesus e na história eclesial. É praticamente impossível querer compreender quem é o leigo sem levar em consideração a pessoa de Cristo e sua Igreja.

Para se ter uma correta compreensão da identidade e missão do leigo na Igreja, se faz necessário ter em conta seus fundamentos, ou seja, precisamos compreender Cristo e a Igreja. Sendo assim, buscar-se-á nesse primeiro momento tratar de alguns pontos do mistério de Cristo e de sua relação com a natureza da Igreja.

Portanto é necessário compreender Cristo e seu relacionamento com a Igreja e com os homens e seu relacionamento com o mundo para que se tenha uma correta compreensão da identidade e vocação do leigo.

1.1 CRISTO REVELA O HOMEM AO HOMEM

Os documentos eclesiais, assentados sobre a Sagrada Escritura, têm asseverado que só no mistério de Cristo é que se pode conhecer a pessoa humana. Pois, Ele é a base e o fundamento de todo pensamento cristão e de toda a antropologia e eclesiologia. É Cristo quem revela a verdadeira natureza de Deus, pois ele é a plenitude da divindade (CI 2, 9)⁷, também revela ao homem o próprio homem. É o que afirma, de maneira clara e direta, a *Gaudium et Spes* (GS 22): Cristo veio “revelar Deus ao homem e o homem a si mesmo”.⁸

Em Cristo, Deus Pai realiza seu projeto de salvação do gênero humano. Por Cristo, Deus entra de modo definitivo na história humana para salvar a humanidade do mal e reconciliar o mundo consigo em Deus. Não apenas assume a natureza humana, mas a eleva e a redime de modo perfeito e eterno. O Decreto *Ad Gentes* afirma que em Cristo a natureza humana foi

⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. (Todas as ocorrências serão tomadas desta Bíblia).

⁸ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes Sobre a Igreja no Mundo de Hoje*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 22.

restaurada e santificada (AG 3). Isso se dá pela atuação da graça de Cristo que opera em nós, como confessa o Catecismo da Igreja Católica (CEC):

Na verdade, foi da sua plenitude que todos nós recebemos, graça sobre graça» (Jo 1, 14, 16). Movidos pela graça do Espírito Santo e atraídos pelo Pai, nós cremos e confessamos a respeito de Jesus: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16). Foi sobre o rochedo desta fé, confessada por Pedro, que Cristo edificou a sua Igreja.⁹

Cristo redimiu todo o gênero humano. Antes dele, pesava sobre a humanidade uma condenação. Sua encarnação, paixão, morte e ressurreição rompem com o ciclo de morte e condenação humana e dão início a uma nova etapa da vida. Em Cristo e por intermédio dele o homem tem um novo modelo, um padrão de vida humana em conformidade com o plano divino. O apóstolo Paulo, na carta aos Romanos, assevera que em Adão, todos eram pecadores (Rm 5,12). Éramos inimigos de Deus, mas em Cristo todos tornaram-se santos, redimidos e inseridos no plano divino. Cristo devolveu ao homem a esperança da salvação e a verdadeira comunhão com Deus, elevou a humanidade do estado de criatura para filhos adotivos de Deus. Todos os homens se tornaram filhos no Filho unigênito do Pai. Ele ressignificou a experiência da dor e da morte humana e venceu a morte com a própria morte para que através dela obtivéssemos de uma vez por todas a vida eterna (Gaudium et Spes 22).

Em Cristo a humanidade pode encontrar o verdadeiro fundamento de existência plena, passando de uma existência meramente psíquica para o existir espiritual, celeste. Dessa realidade oportunizada em Cristo fala o apóstolo dos gentios na Carta aos Coríntios:

Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois. O primeiro homem tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu. Tal foi o homem terrestre, tais são também os homens terrestres. Tal foi o homem celeste, tais serão os celestes. E assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste. (1Cor 15, 45-49).

Adão é o protótipo de homem criado por Deus para a santidade. Adão, porém, falhou e por ele herdamos o pecado e a morte como consequência de sua desobediência. Ele tornou-se o modelo de homem caído. Cristo é o ideal perfeito de homem segundo o propósito de Deus, obediente, amigo de Deus, servo fiel e que através de sua paixão, morte e ressurreição fez com que o gênero humano herdasse a vida eterna.

⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CEC). Petrópolis: Vozes, 1993, n. 423-424.

Adão e Cristo compartilham uma característica única e exclusiva, característica que nenhum homem além deles pode ter: ambos não tiveram pais terrenos. Adão falhou em sua missão de ser obediente, Cristo, porém, cumpriu plenamente a vontade do Pai e através dele todos foram reconciliados com Deus. Criados à imagem e semelhança de Adão e recriados à imagem e semelhança de Cristo, portanto, os fiéis leigos têm um princípio ontológico e normativo de vida que é assemelhar-se a Cristo e servir de testemunho para o mundo¹⁰.

A *Dei Verbum* (DV 4) recorda que Cristo aperfeiçoa, completa e confirma com seu testemunho, palavras, obras, sinais e milagres a revelação de que Deus veio libertar o homem das trevas do pecado e da morte e ressuscitá-lo para a vida eterna. Portanto, Cristo é a chave para a compreensão de toda a pessoa humana em geral, da Igreja, dos seus ministérios e dos seus sacramentos. A partir dele podemos pensar e fundamentar a Igreja.¹¹

Cristo sendo o fundamento de toda a Igreja e a verdadeira forma do projeto de Deus para o homem, é a partir dele que devemos pensar sobre a natureza da humanidade e sobre os aspectos e ministérios que emanam de seus ensinamentos. Pelo seu exemplo de vida e pelos relacionamentos que ele construiu com os homens no seu ministério terreno, ensinando-os e exortando-os a uma vida de santidade e comunhão com Deus, pode-se ter uma base e um ponto de partida para a compreensão da vocação universal de todo crente e dos chamados ministérios particulares.

É a partir dessa compreensão inicial de que Cristo é o fundamento de toda a eclesiologia e antropologia, que podemos pensar sobre a natureza da Igreja e o fundamento do apostolado dos fiéis leigos. Todo o pensamento cristão entende que Cristo assumiu verdadeiramente a natureza humana em todos os seus aspectos, exceto no pecado, nasceu da Virgem Maria, trabalhou como homem, viveu como homem e restituiu ao homem a dignidade roubada pelo pecado. A *Gaudium et Spes* também confirma que nele há a perfeita reconciliação de Deus com os homens e dos homens uns com os outros (GS 22).

1.2 A IGREJA SACRAMENTO DE CRISTO PARA O MUNDO

¹⁰ CALVINO, João. *1Coríntios*. Série Comentários Bíblicos. São Paulo: Fiel Editora, 2013. p. 565. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/25264676/comentario-de-1-corintios>>. Acesso em 01 de dezembro de 2021.

¹¹CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum Sobre a Revelação Divina*. (DV). São Paulo: Paulus, 1997, n. 4.

Todas as afirmações verdadeiras que encontramos na história bíblica e eclesiástica sobre a Igreja a relacionam direta ou indiretamente a Cristo. Uma delas é a de que a Igreja é o Corpo Místico de Cristo no qual Cristo pelo Espírito congrega em torno de si todos os fiéis (1Cor 12). É nela que o Espírito de Cristo age, transformando e reformando-a de tempos em tempos para que o seu testemunho continue vivo no mundo. Cristo continua a caminhar e operar no mundo através de seu corpo místico. Todos os membros, nesse sentido são membros desse Corpo, e agem em nome de Cristo para a santificação das realidades temporais. Nesse sentido, encontramos na abertura da *Lumen Gentium* a afirmação de que a Igreja é o Sacramento de Cristo, sinal da íntima união com Deus e com a unidade de todos os homens.¹²

Esse olhar sobre a natureza da Igreja não é novo, sempre esteve impresso em toda a literatura neotestamentária e nos documentos conciliares. Cristo, como o Filho unigênito de Deus, o único que possui o nome “filho” com todas as propriedades intrínsecas a ele, pela comunicação do seu Espírito à Igreja, constitui de forma mística como seu Corpo todos os seus irmãos, chamados de todos os povos e nações. Essa comunicação acontece eficazmente através dos sacramentos pelos quais a vida de Cristo se comunica a todos os crentes, seus membros (LG 7).

Cristo é o sustentador e mantenedor indefectível da Igreja. Uma das afirmações mais belas e emblemáticas que pode ser encontrada na *Lumen Gentium* é a de que “a Igreja é indefectivelmente santa”, nascida do lado traspassado de Jesus e que vem a ser um organismo vivo, dinâmico, uma comunidade de fé, esperança e caridade. Um corpo organizado hierarquicamente, uma comunidade visível e espiritual que constitui em si uma única realidade complexa, onde se fundem dois elementos: o humano e o divino (*Lumen Gentium* 8).

Essa particularidade da Igreja em ser santa, e por extensão todos os seus membros, quer façam parte da hierarquia quer sejam dirigidos por ela, torna-se também visível no universal e comum chamado à santidade de todos os batizados que se manifesta nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis, como está expresso na *Lumen Gentium* nos números 39-40. O seu fundador deixou, portanto, uma missão específica para todos os seus seguidores.

Da mesma maneira, o Decreto *Ad Gentes* afirma de maneira categórica que depois de realizar obra da redenção na cruz, Cristo constituiu a Igreja como sacramento de salvação e enviou seus apóstolos pelo mundo para fazerem discípulos de todas as nações, para ensinar e

¹² CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium Sobre a Igreja*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 1.

batizar. É este o dever da Igreja: proteger e propagar a fé e a salvação de Cristo. Essa é a missão universal de todos os membros da Igreja, quer sejam ordenados, quer sejam fiéis leigos (AG 5).

A Igreja [...] tem um fim salvador e escatológico. [...] Mas ela existe já atualmente na terra, composta de homens que são membros da cidade terrena e chamados a formar já na história humana a família dos filhos de Deus a qual deve crescer continuamente até a vinda do Senhor. [...] caminha juntamente com toda a humanidade, participa da mesma sorte terrena do mundo e é como que o fermento da alma da sociedade humana, a qual deve ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus (GS 40).

Desse modo, a Igreja caminha na história ao lado dos homens e comunica-lhes a fé em Cristo para a salvação de todos os homens. Ela é o meio ordinário de salvação, usada por Cristo para a realização de seu propósito divino. Em outras palavras, a Igreja está para o mundo como a alma está para o corpo, a alma está no corpo, mas não procede dele, assim como a Igreja está no mundo e não procede dele, a alma (invisível) se comunica por seu corpo visível, assim como a igreja.¹³

1.3 OS LEIGOS NA SAGRADA ESCRITURA

Embora sejam a maioria na Igreja e aparentemente pareça simples a definição da identidade dos fiéis leigos, é necessária uma compreensão nas Sagradas Escrituras. Uma sugestiva indicação como referência Bíblica é aquele apontado pela Exortação apostólica *Christifideles Laici* (ChL) de João Paulo II, que recorda já na introdução que os leigos pertencem ao povo eleito de Deus, a Igreja, e podem ser reconhecidos na Sagrada Escritura através da imagem dos trabalhadores da vinha, em Mateus 20,1-2. O pontífice faz perceber que o evangelista Mateus ajuda a compreender essa realidade através das duas parábolas sobre os trabalhadores da vinha e sobre o Reino de Deus. Pois, tais trabalhadores representam a grande multidão de homens e mulheres que Deus envia para trabalhar na sua vinha. A vinha do Senhor é todo o mundo criado e que precisa ser transformado segundo a vontade de Deus na esperança do advento do Reino definitivo (*Christifideles Laici* 1).

Outra sugestiva indicação bíblica é o envio dos setenta e dois discípulos enviados pelo Senhor, conforme está narrado no Evangelho de Lucas (Lc 10,1-9). Esses discípulos são instruídos para irem adiante, preparando a chegada de Jesus com os apóstolos. Eles preparam o terreno para uma boa acolhida da mensagem do Reinado de Deus.

¹³ DIOGNETO, Carta a. Disponível em: <<http://www.corpuschristi.org.br/newsite/wp-content/uploads/2013/02/Carta-a-Diogneto.pdf>>. Acesso em 16 de abril de 2021.

O significado dos 72 é simbólico, indica que todos são enviados em missão a partir da fé em Jesus Cristo: todos os batizados são enviados a testemunhar o amor de Deus através do seguimento de Cristo morto e ressuscitado. São Lucas nos apresenta uma catequese sobre a missão como consequência da fé.¹⁴

Outro importante texto a ser mencionado é aquele sobre o dom Espírito Santo em Pentecostes (Atos 2), dado a todos aqueles que estavam reunidos no cenáculo:

E, entrando, subiram ao cenáculo, onde habitavam Pedro e Tiago, João e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, irmão de Tiago. Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, **com as mulheres, e Maria mãe de Jesus, e com seus irmãos**¹⁵. (At1,13-14)

O evento de Pentecostes alcança também Maria, a mãe de Jesus, as mulheres e os irmãos, provavelmente parentes de Jesus que haviam se convertido. “O dom do Espírito à comunidade dos discípulos é fruto do evento pascal, e juntamente com a proclamação da Palavra ele será protagonista da missão nos Atos dos Apóstolos”¹⁶.

A identidade e missão do leigo estão intimamente ligadas à identidade e à missão do próprio Cristo e de sua Igreja. Ela nasce de Cristo, através da consumação da obra dada pelo Pai, e pelo Espírito Santificador da Igreja, ela se mantém. É na fundação da Igreja que se manifesta o seu mistério (LG 5).

Quando Jesus, depois de haver sofrido a morte na cruz pelos homens, ressuscitou, apareceu como Senhor, Messias e Sacerdote eterno, e derramou sobre os seus discípulos o Espírito prometido pelo Pai. A partir de então a Igreja, enriquecida pelos dons do seu fundador e observando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o reino de Cristo e de Deus, e constitui ela própria na terra o germe e o início deste reino (LG 5).

Na Sagrada Escritura, porém, há que se fazer um adendo: à primeira vista, não há muito a se dizer sobre o ministério leigo porque não há um clero ordenado, exceto se considerar e fazer distinção entre os que ocupam alguma liderança e os que não ocupam.¹⁷

¹⁴ SENEME, Dom João Carlos. *Jesus escolheu 72 discípulos e os enviou em missão*. Disponível em: <<https://www.opresente.com.br/artigos/jesus-escolheu-72-discipulos-e-os-enviou-em-missao/>>. Acesso em 16 de abril de 2021.

¹⁵ Grifo nosso.

¹⁶ BRADANINI, Sérgio. *Fundamentos Bíblicos da Missão*. p. 18. Disponível em: <<http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/2nucleo.pdf>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2021.

¹⁷ KONINGS, Johan. *O leigo na Sagrada Escritura*. Revista de Teologia da PUCRS. Vol. 48, n. 2. p.140. Porto Alegre: 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/32324/17565>>. Acesso em: 09 de junho de 2021.

Ainda de acordo com Johan Konings em seu artigo sobre o leigo na Sagrada Escritura, o precedente bíblico existente está no Antigo Testamento, que é o caso dos sacerdotes e levitas que tinham e exerciam funções sacrificiais, mas que também eram exercidas pelos chefes de família, juízes e reis. Posteriormente, os sacerdotes eram contratados pelos reis para realizarem devidamente os rituais e sacrifícios, separando o santo do profano, o puro do impuro. Somente nos séculos que antecederam Jesus é que os sacerdotes vão exercer autoridade sobre o povo.¹⁸

Diversos textos dos evangelhos mostram que a separação entre o profano e o sagrado, segundo os critérios levíticos e farisaicos, não era considerada essencial por Jesus e os seus seguidores (Mc 7,1-23). E enquanto os evangelhos veem em Jesus ressuscitado o novo lugar da presença de Deus, substituindo o templo (Jo 2,20-21), a Carta aos Hebreus coloca Jesus sacrificado, de modo simbólico, no lugar do sacerdote e da vítima sacrificial (Hb 7-10).¹⁹

Há outra vertente que pode ajudar na compreensão do leigo na Sagrada Escritura, e essa é a que considera o povo todo como santo, eleito e sacerdotal que é aplicada a todos os batizados em geral apresentada na carta de Pedro.²⁰ Essa compreensão é importante porque ela é também uma das bases para a reflexão no Vaticano II.

Uma separação entre comunidade e hierocracia não faz parte do contexto bíblico. Os responsáveis pela liturgia do culto são apenas servidores encarregados de executar de maneira mais adequada as coisas referentes ao culto. Essas coisas referentes ao culto pertencem a todo o povo Sacerdotal e não apenas a um grupo separado dentro desse mesmo povo. Deste modo todos possuem a mesma missão, pois são membros do mesmo povo.²¹

A Sagrada Escritura desde suas primeiras páginas ressalta a importância da criação de Deus, a qual o homem tem a missão de zelar e proteger. O ser humano desde sua criação tem como missão governar parte da criação de Deus. Esta missão foi dada a todos os homens e mulheres criados. Konings afirma que a “secularidade” humana – que não é “secularização” ou “secularismo” – é um dom de Deus (“ele a deu”). Ela está inscrita na criação do ser humano e serve de base para a “teologia das realidades terrenas”.²²

Com o advento do Filho de Deus, essa missão tomou um novo sentido, quando Jesus ordenou que todos os seus seguidores fossem mundo afora para anunciar as boas novas e discipular todas as gentes, fazendo-as conhecer o Reino de Deus (Mt 28,19-20).

¹⁸ KONINGS, 2018, p. 141.

¹⁹ KONINGS, 2018, p. 143.

²⁰ KONINGS, 2018, p. 143.

²¹ KONINGS, 2018, p. 146.

²² KONINGS, 2018, p. 146.

Nesse sentido, a missão de todos os homens e mulheres que seguem Jesus é anunciar e instaurar o reinado de Deus em todos os povos onde, cada um à sua maneira, realiza a missão dada pelo Cristo. O *Ide* do Senhor não é apenas para os sacerdotes e religiosos, mas para todos os homens e mulheres, todos os fiéis leigos. A Igreja pós Vaticano II despertou pela efusão do Espírito, uma consciência mais madura sobre a natureza desse chamado para ser o sacramento universal de salvação para os homens (*Christifideles Laici* 2).

Com o advento dos secularismos, dos ativismos desenfreados, do ateísmo e dos *lobbies*, surgiu a emergente necessidade de uma inserção maior e mais profunda da Igreja nas realidades temporais, para que, através de seu bom testemunho o homem pudesse ser transformado. Todos os fiéis devem trabalhar para a edificação do corpo de Cristo e para a transformação do mundo. O povo santo de Deus é um só e embora haja diversidade dos ministérios, todos devem trabalhar para a edificação do corpo de Cristo.

Por vontade de Cristo, uns são constituídos como apóstolos, outros profetas, outros mestres e doutores da Igreja (1Cor 12,28). Não há, entretanto, qualquer desigualdade entre seus membros, a todos é dada a mesma missão e vocação à santidade. Todos devem trabalhar para a unificação de todo o corpo e pela justiça social no mundo. O povo de Deus é um só, onde não existe quaisquer divisões ou desigualdades em Cristo e na Igreja, por quaisquer motivos: raça, nação, sexo ou condição social, como declara a *Lumen Gentium* (LG 32):

Se, na Igreja, nem todos caminham pela mesma via, ainda assim, todos são chamados à santidade e têm igualmente a mesma fé pela justiça de Deus (cf. 2Pd 1, 1). E se é certo que alguns, por vontade de Cristo, são constituídos como doutores, administradores dos mistérios e pastores para outros, reina afinal entre todos verdadeira igualdade no que respeita à dignidade e à ação comum de todos os fiéis para a edificação do corpo de Cristo (LG 32).

Como a Igreja é um Corpo Místico (1Cor 12,12-14), os seus membros são constituídos a partir de um momento específico, através de um sacramento específico que os configura como Igreja, membros do corpo de Cristo. O sacramento do Batismo, que insere o homem nessa realidade espiritual, é indelével, imprime caráter e o torna corpo de Cristo, o qual, junto com os demais sacramentos se destina à santificação do homem. Sobre os sacramentos, a *Sacrosanctum Concilium* (SC)²³ diz o seguinte:

Os sacramentos destinam-se à santificação dos homens, para a edificação do corpo de Cristo e, enfim, para prestar culto a Deus; como sinais, destinam-se também à instrução. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por

²³ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium. Sobre a Sagrada Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1997.

meio de palavras e ritos, razão pela qual se chamam “sacramentos da fé”. Conferem a graça, mas a celebração dos mesmos dispõe otimamente os fiéis à frutuosa recepção da mesma graça, a honrar a Deus do modo devido e a praticar a caridade (SC 59).

Através do batismo o ser humano torna-se membro do corpo de Cristo e exerce, à sua maneira, o *múnus* cristão. Os sacramentos da iniciação são os que todos os membros da Igreja têm em comum, eles transmitem graça e ajudam no aperfeiçoamento cristão. O Batismo realiza de maneira perfeita a união e a incorporação mística, porém real, do homem a Cristo. A partir do batismo, o velho homem é sepultado junto com Cristo em sua morte e transformado em uma nova criatura segundo a ressurreição de Cristo (Christifideles Laici 12).

A comunhão de todos os batizados é um prolongamento da comunhão trinitária, do amor pericorético do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A Escritura Sagrada realça em várias passagens esse aspecto de comunhão entre os batizados. Por exemplo, no quarto Evangelho (Jo 17,21) Jesus ora ao Pai para que “todos sejam um” como ele é um com o Pai. Também em João (15,5) Jesus apresenta a imagem da videira onde ele é a videira e os ramos são os seus discípulos que mantêm comunhão com a própria videira, mas também entre eles mesmos por estarem ligados à mesma árvore (Christifideles Laici 12). Todos os homens gozam de uma íntima comunhão que é nutrida e fundamentada pelo próprio Cristo, como se pode deduzir da comparação feita por Jesus em no texto do quarto Evangelho (Jo 15).

O Filho de Deus assumiu a natureza humana e venceu a morte com a sua morte e ressurreição inaugurou uma nova realidade. E é no sacramento do Batismo que somos inseridos nessa nova realidade, uma vez que todos se tornam membros de Cristo e são unidos entre si e com Deus. É Deus que configura todos os crentes como filhos no seu Filho, ovelhas de seu rebanho, membros de seu Corpo e participantes de sua morte e ressurreição (LG 7).

Com efeito, pelo batismo configuramo-nos com Cristo: “pois fomos batizados num só Espírito para ser um só corpo” (1Cor 12,13). Este rito sagrado significa e efetua a nossa união à morte e ressurreição de Cristo: “Pelo batismo fomos sepultados com ele na morte”; e se “nos tornamos uma só coisa com ele por morte semelhante à sua, seremos uma só coisa com ele também por ressurreição semelhante à sua” (Rm 6, 4-5). (LG 7)

O Batismo iguala todos e configura a todos como membros d’Ele. Todos são um com Cristo, assim na sua morte como em sua ressurreição. Cristo é o princípio e fundamento da missão da Igreja e também é o padrão a ser seguido pelos fiéis. Nesse sentido é interessante a reflexão que Konings faz sobre a referência de leigo na Sagrada Escritura:

O leigo bíblico por excelência é Jesus de Nazaré. Ele não é sacerdote, e nem poderia ser, pois não era da tribo de Levi e sim, de Judá (cf. Hb 8,4); como também não pertencia a nenhuma classe superior, nem intelectual, nem econômica. Contudo, não lhe faltava autoridade, inclusive quanto ao domínio do sagrado, e isso se confirmava pelo poder que exercia sobre o “anti-santo”, os demônios. Judeu comum, próximo do povo simples, era piedoso, mas também crítico em relação aos abusos no templo, o que parece ter sido, como já dissemos, o ensejo imediato para sua condenação.²⁴

Assim, no Batismo todos se tornam membros do mesmo corpo e participam da mesma missão universal deixada pelo fundador da Igreja: instaurar o Reino de Deus entre os homens através da pregação da palavra de Deus. A partir dessa compreensão de que o leigo é membro do corpo de Cristo e que participa com os demais membros da mesma missão, questiona-se o que diferencia o leigo dos demais e como este pode protagonizar a sua missão dentro da Igreja.

É muito importante o que a exortação apostólica de João Paulo II, *Christifideles Laici*, afirma sobre a inserção do fiel leigo e a novidade cristã que emana do batismo: “toda a existência do fiel leigo tem por finalidade descobrir a radical novidade cristã que emana do Batismo” (ChL 10). E essa radical novidade cristã está intrinsecamente ligada à vocação que todos os fiéis recebem de Deus. Nesse sentido, a exortação destaca três aspectos essenciais que emana do batismo: a regeneração para uma nova vida de filhos de Deus, a união ao corpo de Cristo que é a Igreja e a unção no Espírito Santo para serem constituídos como templos espirituais (ChL 10).

A regeneração proveniente do batismo é o primeiro aspecto a ser frisado. O batismo é uma regeneração em Cristo e os cristãos são os homens e mulheres regenerados para uma nova vida, constituídos no batismo como filhos e filhas de Deus (ChL 11).

O apostolado dos leigos é a participação na própria missão salvífica da Igreja, e a este apostolado são destinados todos pelo próprio Senhor ao receberem o batismo e a confirmação. Pelos sacramentos, e especialmente pela sagrada eucaristia, comunica-se e alimenta-se aquela caridade para com Deus e para com os homens, que é a alma de todo apostolado (LG 33).

O sacramento do Batismo insere o homem no seio da Igreja. Dentro dela cada membro têm sua vocação, alguns se ordenam ao Sacramento da Ordem, outros ao Matrimônio, mas todos têm a mesma vocação universal à santidade. Há que diferenciar o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial, apesar de serem diferentes, tanto em essência quanto em grau, eles se ordenam um para o outro de tal modo que participam, cada qual a seu modo, do sacerdócio universal de Cristo (LG 10).

²⁴ KONINGS, 2018, p.146.

O sacerdote ministerial, pelo poder sagrado de que é investido, organiza e rege o povo sacerdotal, oferece o sacrifício eucarístico na Pessoa de Cristo em nome de todo o povo; por seu lado os fiéis, em virtude do seu sacerdócio régio, têm também parte na oblação da eucaristia, e exercem o sacerdócio na recepção dos sacramentos, na oração e na ação de graças, no testemunho de uma vida santa, na abnegação e na caridade operante (LG 10).

É de fundamental importância notar que os leigos sempre existiram na Igreja, uma vez que é a partir do Batismo que se estabelece uma condição para a distinção dos membros da Igreja: clérigos, religiosos ou leigos. Além dessa distinção que se pode adquirir a partir desse primeiro sacramento, faz-se necessário entender que o termo “leigo”, quando usado em contexto moderno, adquire uma conotação de alguém “ignorante”, que não sabe de alguma coisa, porém, em contexto eclesial, o termo é usado simplesmente para diferenciar os membros que não receberam o Sacramento da Ordem ou que não se tornaram religiosos.

Essa distinção entre hierarquia e laicato existe desde os primórdios da Igreja, já podendo ser vislumbrada nos próprios textos bíblicos que desde o início diferenciava presbíteros e pastores de outros membros da Igreja. Seria, portanto, ingenuidade teológica considerar que o protagonismo dos leigos na Igreja só passou a existir a partir do Concílio Vaticano II.

Os próprios textos bíblicos destacam vários membros leigos que tiveram papel fundamental e importante na história da Igreja, não apenas os textos bíblicos, mas a própria história da Igreja já demonstra a atuação dos leigos como protagonistas na história eclesial.

O povo santo de Deus participa também da missão profética de Cristo: quando lhe dá testemunho vivo, especialmente por uma vida de fé e caridade, e quando oferece a Deus o sacrifício de louvor, fruto de seus lábios que glorificam o seu nome. A totalidade dos fiéis, que receberam a unção que vem do Espírito Santo, não pode enganar-se na fé, e manifesta esta sua propriedade característica através do sentido sobrenatural da fé do povo inteiro, quando “desde os bispos até aos últimos fiéis leigos, exprime seu consenso universal a respeito das verdades da fé e costumes (LG 12).

Assim, todo o povo consagrado a Deus e inserido em seu reino através do Sacramento do Batismo protagoniza a missão conjunta de transmitir as verdades da fé e de testemunhar a fé viva em Cristo Jesus, para tornar a Igreja presente, relevante e atuante nos lugares mais inóspitos do mundo. O leigo, como membro do corpo de Cristo, é chamado a ser sal da terra e luz do mundo, para ser testemunha e também instrumento de Deus na vida da Igreja e no mundo (LG 33).

1.4 O APOSTOLADO DOS LEIGOS

A partir desse entendimento inicial de que o leigo é inserido no reinado de Deus como todos os demais membros do Corpo de Cristo e que ele protagoniza a mesma missão junto com os ministros ordenados e com os religiosos é que se pode compreender sua presença testemunhal no mundo. Só assim é possível buscar uma compreensão do apostolado do leigo dentro da Igreja. A propósito a *Lumen Gentium* afirma:

Os leigos podem ser chamados de diversos modos a uma colaboração mais imediata com o apostolado da hierarquia, à semelhança daqueles homens e mulheres que ajudavam o apóstolo Paulo na evangelização, trabalhando muito no Senhor. Têm, além disso, capacidade para serem destinados pela hierarquia ao exercício e determinados ofícios eclesiais, com um fim espiritual. Pesa ainda sobre os leigos o encargo glorioso de trabalhar para que o plano divino da salvação atinja cada vez mais todos os homens, em quaisquer tempos e lugares (LG 33).

Desse modo, o leigo protagoniza a missão de evangelizar o mundo e iluminar as realidades temporais a partir de Cristo. É necessária e imprescindível a presença do leigo na Igreja e no mundo, através de sua vida e dos seus relacionamentos com os diversos meios da sociedade. O leigo realiza com maior eficácia a evangelização do mundo. A Igreja frisa com bastante entusiasmo que “o apostolado dos leigos jamais pode deixar de existir”, com está bem expresso na *Apostolicam Actuositatem* (AA 1).²⁵

Por ser Cristo a origem de todo apostolado, quer seja dos fiéis leigos quer seja dos fiéis ordenados e religiosos, a sua realização plena e manutenção está inteiramente fundamentada em Cristo e profundamente enraizada na Igreja. Nele está o fundamento de toda a vida e missão da Igreja e é Ele quem suscita e mantém o caráter apostólico de todo seu Corpo. O documento sobre o apostolado dos leigos confirma que:

O dever e o direito do apostolado dos leigos derivam da união destes com Cristo cabeça. Com efeito, inseridos no corpo místico de Cristo pelo batismo e robustecidos pela virtude do Espírito Santo na confirmação, os leigos são deputados pelo próprio Senhor para o apostolado. São consagrados como sacerdócio real e povo santo, a fim de oferecerem, por meio de todas as obras, hóstias espirituais, e darem testemunhos de Cristo em toda a parte. Além disso, pelos sacramentos, sobretudo pela Santíssima Eucaristia, é comunicada e alimentada aquela caridade que é como que a alma de todo o apostolado. (AA 3).

²⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o Apostolado dos Leigos*. São Paulo: Paulus, 1997.

Essa união dos leigos com Cristo é o que os configura ao seu apostolado e os autoriza a colaborarem com a hierarquia da Igreja e, também, a realizarem seu apostolado secular. Os leigos em especial exercem um papel de fundamental importância, visto que, são eles os principais pontos de contato e comunicação entre a Igreja e o mundo. Eles são chamados a serem homens do mundo no coração da Igreja e homens da Igreja no coração do mundo.

Sem os leigos ficaria extremamente difícil o Evangelho chegar a alguns lugares. São eles que, através de suas vidas, santificam e consagram o mundo a Deus e, ao mesmo tempo, dão testemunho fiel de Cristo ao mundo. Sobre o apostolado dos leigos e sua missão na Igreja e no mundo, o *Apostolicam Actuositatem* afirma o seguinte:

Impõe-se, portanto, a todos os fiéis o sublime encargo de trabalharem para que a mensagem divina de salvação seja conhecida e aceita por todos os homens, em toda a terra. Para o exercício deste apostolado, o Espírito Santo, que opera a santificação do Povo de Deus pelo ministério e pelos sacramentos, reparte também dons particulares. (AA 3).

Ao receber esses carismas, desde o mais simples, o fiel recebe o encargo de os exercer na Igreja e no mundo, para o bem dos homens e da Igreja, sem extinguir a ação do Espírito Santo, mas examinando tudo para reter o que for útil e bom (AA 3).

Os leigos com sua missão específica e através de sua vida visam atingir dois objetivos principais: a salvação do mundo e a restauração de toda a ordem temporal. Por tal motivo, embora os objetivos sejam diferentes, a missão é a mesma de toda a Igreja que é santificar e restaurar o mundo com o espírito evangélico e com a graça de Cristo. Em Cristo, toda a pessoa é restaurada a uma nova ordem e transformada em uma nova criatura para testemunhar Cristo e tornar-se sal da terra e luz para o mundo (AA 5).

A missão da Igreja é a salvação de todos os homens. Essa salvação vem através de Cristo e, portanto, cabe a cada um dos membros testemunhar e fazer Cristo conhecido em todo o mundo. Nesse aspecto, os leigos são protagonistas de sua missão, também quando entram em ambientes que um padre ou religioso não teria acesso devido ao seu ofício sacerdotal.

Assim, o apostolado dos leigos se fundamenta e se mantém em Cristo. E é Cristo o autor e consumidor deste apostolado, como também o conteúdo de toda mensagem e ação de qualquer membro da Igreja, leigo ou ordenado.

1.5 O MÚNUS SACERDOTAL, PROFÉTICO E REAL

O tríplice múnus de Cristo se estende a todos os seus membros, os fiéis batizados, que a seu modo realizam na Igreja e no mundo a missão de ensinar, santificar e governar. Os sacerdotes consagrados, de modo especial, realizam o múnus de ensinar e consagrar com mais ênfase na Igreja, visto que é própria da natureza sacerdotal, a ação de ensinar através do Magistério e santificar através dos Sacramentos.

Os leigos, dado a sua característica de adentrar com maior facilidade nos setores seculares, também realizam de forma efetiva o múnus de Cristo, auxiliam o Magistério da Igreja na difusão dos ensinamentos divinamente inspirados e comunicados à Igreja. Sem a ação e participação dos leigos o apostolado dos pastores não atingiria plenamente seu objetivo, como afirma o catecismo:

Porque, como todos os fiéis são, por Deus, encarregados do apostolado, em virtude do Batismo e da Confirmação, os leigos têm o dever e gozam do direito, individualmente ou agrupados em associações, de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens e por toda a terra (CEC 900).

Ainda de acordo com o Catecismo, essa tarefa é ainda mais importante e fundamentalmente urgente quando somente através dos leigos e de suas interações com os diversos grupos na sociedade é que o Evangelho pode chegar aos homens. Nas próprias Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), a ação dos leigos é tão necessária que, sem ela, a missão dos pastores não poderia alcançar seu pleno efeito (CEC 900).

Essa compreensão de que o leigo contribui para que o apostolado dos pastores alcance o seu pleno efeito é necessária para que todo o povo de Deus entenda que o ministério pastoral dos padres e bispos é desempenhado em parceria com o ministério dos leigos. Não é uma tarefa fácil para os sagrados pastores e tampouco para os fiéis leigos, visto que os leigos devem trazer as preocupações dos homens para o coração da Igreja e também levar a esperança da Igreja para o coração dos homens.

Desse modo, o cristão leigo está incumbido de ordenar as realidades temporais e é a ele que pertence a missão de descobrir novos meios de disseminar a semente do evangelho no coração do mundo com a finalidade de salvar os homens e restaurar toda a ordem temporal (AA).

2 O LEIGO NOS DOCUMENTOS DA IGREJA

Para se chegar à compreensão de leigo que se tem hoje, foram necessários dois mil anos de história e desenvolvimento teológico. Imergir na história da Igreja e na compreensão dos conceitos que hoje são tão óbvios para o cristão do século XXI se faz necessário, uma vez que nem sempre os leigos foram vistos como protagonistas na missão de ensinar, governar e santificar as realidades temporais.

Neste capítulo, vamos analisar a evolução na compreensão do termo leigo na Igreja e a tomada de consciência da Igreja sobre a importância do ministério laical, coisa que aconteceu de forma progressiva.

A reflexão sobre o termo leigo e sua evolução é extremamente relevante para o entendimento correto da teologia do laicato, porque é praticamente impossível entender a profundidade do tema sem antes fazer uma abordagem etimológica, conceitual e compreender sua evolução histórico-ecclesial.

Antes, é necessário lembrar da exortação apostólica pós-sinodal do Papa São João Paulo II, sobre a vocação e a missão dos leigos na igreja e no mundo. O documento *Christifideles Laici* tem como objetivo indicar o papel da participação do leigo na missão de evangelizar o mundo, onde, logo no primeiro capítulo os textos bíblicos usados são a parábola dos trabalhadores na vinha (Mt 20,1-16) e a história da videira verdadeira e dos ramos (Jo 15,1-8), (ChL 1.8).

Para expressar o mistério do povo de Deus, a Sagrada Escritura usa a imagem da vinha, onde os leigos não são apenas os agricultores que trabalham na vinha, mas são parte dessa vinha. Segue a interpretação veterotestamentária onde a imagem da vinha era usada para indicar o povo eleito de Deus. O mistério da vinha é símbolo e figura não somente do povo de Deus, mas do próprio Jesus e é somente dentro desse mistério da Igreja como mistério de comunhão que se revela a identidade dos fiéis leigos e sua dignidade original (ChL 8).

2.1 O LEIGO ANTES DO VATICANO II

No primeiro capítulo já abordamos o significado atual do termo leigo, porém, é preciso aprofundar um pouco mais nessa questão para que se possa entender melhor as reflexões posteriores.

Na concepção bíblica, o leigo (*laikós*) indicava o membro do povo (*laós*), em oposição às nações e povos gentios/pagãos. Essa, porém, não é uma interpretação unânime quanto ao seu significado. Pode-se ver também que *laós-laikós*, a depender do contexto, pode significar o povo (de Deus) que se diferencia dos líderes desse mesmo povo (de Deus), ou seja, a população distinta, o povo que era liderado.²⁶

Nesse sentido, há dois significados usuais do termo, um em que leigo era considerado, de certa forma, inferior aos líderes que governavam o povo e outra em que o mesmo termo significava uma nação sacerdotal consagrada inteiramente a Deus e que, portanto, se distinguia das outras nações e povos pagãos.²⁷

Dessa primeira interpretação é que surge, posteriormente, a distinção entre leigos e clérigos (*laicus e clericus*), os leigos vistos como aqueles que não se relacionavam com o sagrado e que fez com que surgisse a relação de leigos com profanos em contraponto ao clérigo que representava o sagrado.²⁸

Na literatura neotestamentária, o *laós* é todo o povo cristão. De forma explícita e bastante positiva, o termo bíblico afirma o seguinte: “Vós sois a raça eleita, a comunidade sacerdotal do rei, a nação santa, o povo que Deus adquiriu para si” (1Pd 2,9). Dessa forma, pode-se perceber que inicialmente não existia essa compreensão de leigo como alguém distinto do clérigo, mas como membro do *laós*.

É em ambiente latino, a partir do séc. III, que o termo vai ser usado para distinção entre o clero e o povo em geral, e isso porque o termo vai aparecer paralelamente ao termo *plebeus*, significado que irá perdurar por toda a Idade Média e gradativamente vai ser introduzido o uso de *laicus*, como cristão distinto do cristão que pertence ao clero. Pode-se perceber no decorrer da história que, em contexto de culto, o leigo era o que respondia ao clero. É possível encontrar essa distinção já em Orígenes, Tertuliano, Clemente de Roma, Clemente de Alexandria e outros pais da Igreja.²⁹ É importante notar que nos séculos posteriores, com a Igreja bem estruturada e ligada diretamente ao Império Romano, se inicia uma valorização de bispos, presbíteros e diáconos e no seio de cada comunidade local vai se reforçando a distinção entre leigo ou clérigo (*ordo e plebe*).³⁰

²⁶ Cf. SCOPINHO, Sávio Carlos Desan. *Abordagem etimológica e histórica do leigo no catolicismo*. Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 3, núm. 2, julho-diciembre, 2011, p. 573. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4497/449749238013.pdf>>. Acesso em: 03 de maio de 2021.

²⁷ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 573-574.

²⁸ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 573-574.

²⁹ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 574-575.

³⁰ Cf. GERALDO, 2016, p. 35.

Encontramos, na obra do Pe. Almeida, uma abordagem histórica significativa, para a assimilação dessas questões, ele vai dizer que coube a Tertuliano, nos primeiros anos do século III, dar o sentido técnico de *leigo* como aquele que não é sacerdote, aqui os *leigos* são assimilados à *plebs* (o povo, a plebe) são distintos dos bispos, sacerdotes e diáconos em geral, colocando aqui o clero, como os *chefes e pastores*, colocações essas que perdurarão ao longo dos próximos séculos.³¹

Clemente de Roma, que utiliza a palavra leigo pela primeira vez, entende que leigos são todos que em contexto de culto se distinguem ou se diferenciam dos que se ocupam do sagrado – bispos, presbíteros e diáconos. Essa noção será fundamental para o desenvolvimento do termo leigo dentro do catolicismo. Outro Clemente, dessa vez o de Alexandria, mantém essa distinção em contexto de culto, mas com uma relação tríplice de padres, levitas e leigos.³²

Outro autor do período patrístico, que também contribuiu para o estabelecimento dessa noção de leigo, é Orígenes. Ele segue a mesma linha de raciocínio de Clemente de Alexandria e de Roma, e apresenta uma oposição entre o leigo e o clero, padres e diáconos.

Dessa forma, a compreensão de leigo como alguém distinto e servidor do clero foi se fixando no interior da Igreja. Autores como Cipriano, Jerônimo e Tertuliano mantiveram a compreensão do termo no contexto eclesiológico, teológico e social.³³

No período medieval, o cristão leigo se torna uma figura sem expressividade, tanto eclesialmente quanto socialmente, visto apenas como alguém que cumpre suas atividades temporais, principalmente atividades manuais sem ter participação nas atividades intelectuais. É notória, nesse período, uma dicotomia ainda maior entre clérigos *versus* leigos.³⁴

Nesse ponto manifesta-se a relação dualista citada anteriormente: de um lado *espirituais*, os monges e o clero; do outro lado, os *carnais* todos os outros, os leigos. Os primeiros são concebidos como *evangélicos*; os outros, os leigos, estão comprometidos com as ocupações mundanas.³⁵

A dicotomia existente no período medieval se fortaleceu e a Igreja passou a reconhecer apenas os direitos da autoridade hierarquicamente constituída. A Igreja se apresentava como uma sociedade constituída de uma unidade diversificada e hierarquicamente organizada, e sustentava de forma oficial a concepção de três ordens: a monástica, a clerical e a leiga. Sua

³¹ GERALDO, 2016, p. 35-36.

³² SCOPINHO, 2011, p. 575.

³³ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 575-576.

³⁴ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 576.

³⁵ GERALDO, 2016, p. 36.

estrutura era piramidal onde no topo dessa pirâmide estava a vida religiosa e clerical e na base se encontravam os homens carnis e os casados (leigos).³⁶

A fase moderna com sua tendência, trouxe avanços para a teologia do laicato, mas também trouxe para a Igreja alguns desafios que não serão priorizados neste estudo. Sobre a importância da modernidade para a Igreja, é interessante o comentário exposto por Scopinho:

De início, o magistério eclesiástico se posicionou contrariamente aos avanços do mundo moderno, criando oposição e dificuldades. Mas, contraditoriamente, foi a partir desse período que começaram a ocorrer várias inovações na teologia e na eclesiologia, contribuindo para a elaboração de uma “teologia do laicato”, cuja base e sustentação serão percebidas mais explicitamente durante a realização do Concílio Vaticano II.³⁷

Um dos pontos de partida para a superação da teologia vigente que considerava o leigo como um cristão de segunda categoria foi a Reforma Protestante. Isso porque Martinho Lutero questionou a doutrina sobre o sacerdócio hierárquico da Igreja Católica e apresentou a sua doutrina do sacerdócio comum dos fiéis. De acordo com o ensinamento de Lutero, todos os cristãos, no batismo, participam do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo. Esse acontecimento gerou uma forte oposição da Igreja Católica que se manifestou efetivamente no Concílio de Trento.³⁸

Com a preocupação em responder à “doutrina do sacerdócio comum”, proposta por Lutero, o Concílio sustentou e ratificou a doutrina tradicional sobre a autoridade na Igreja. E, nesse sentido, o leigo continuaria subordinado à hierarquia, não podendo exercer nenhuma atividade no contexto eclesial. Sua função seria de obedecer à autoridade eclesiástica e simplesmente receber os sacramentos instituídos pela Igreja.³⁹

Outros acontecimentos que sucederam a Reforma Protestante e também o Renascimento também contribuíram para uma evolução da compreensão da missão e vocação do leigo na Igreja e no mundo: o Iluminismo, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial⁴⁰ e também o surgimento do Humanismo⁴¹ que valorizava um saber crítico para um maior aprofundamento sobre a condição humana.

³⁶ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 576. Cf. também LOPES, Leandro José. *A Teologia do Laicato na Constituição Dogmática Lumen Gentium e nas Conferências Gerais do Episcopado da América Latina*. Dissertação de Mestrado, sob orientação de Geraldo L. Borges Hackmann. Porto Alegre: 2012. Disponível em <<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5856/1/438775.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2021.

³⁷ SCOPINHO, 2011, p. 578.

³⁸ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 578.

³⁹ SCOPINHO, 2011, p. 578.

⁴⁰ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 578.

⁴¹ Cf. GERALDO, 2016, p. 38.

A encíclica de Leão XIII, *Rerum Novarum* (RN), também teve bastante influência na introdução dos leigos na política. Os católicos sociais da Igreja vão criar a Democracia Cristã, que é mais um meio da Igreja intervir nas questões sociais da modernidade utilizando meios políticos para reivindicar os direitos humanos, justiça social.⁴²

A Igreja reagiu combatendo os “erros da modernidade” e isso se tornou efetivo no Concílio de Trento que foi uma resposta aos novos acontecimentos históricos. Posteriormente, para combater essas novas ideias, a Igreja cria a Ação Católica, impulsionada pelo Papa Pio XI, que teve como proposta introduzir os leigos nos ambientes sociais em que o clero religioso católico não tinha acesso.⁴³

Dá-se um salto qualitativo, especialmente no campo político e econômico, ao propor a recristianização da sociedade e do Estado, não mais de cima para baixo, pela via clerical (regime de cristandade), mas a partir da base, através do laicato e de instituições profanas (neo-cristandade).⁴⁴

Essa abertura da Igreja à modernidade estimulou a formação de diversos grupos, organizações e movimentos com o fim de adentrar outras camadas sociais não apenas para influir sobre as consciências, mas também de cristianizar as estruturas.⁴⁵

Essa inserção do laicato nas estruturas sociais modernas acabou incentivando e produzindo um diálogo da Igreja com o mundo secular, o que fez com que valores modernos como liberdade, individualidade e subjetividade fossem mais bem recebidos pela Igreja Católica.⁴⁶

Assim, a Igreja, que se confrontava com o mundo moderno, dialeticamente assumiu alguns dos seus elementos. Foi todo um período de profundas transformações, que contribuíram para um processo de mudanças, que culminou com o Concílio Vaticano II, grande marco de mudança no interior da Igreja e na sua relação com a sociedade de seu tempo.⁴⁷

A partir dessa reflexão, pode-se observar a importância da Ação Católica que fez com que a Igreja tomasse consciência de sua missão e responsabilidade em qualquer lugar. Isso já

⁴² Cf. BRIGHENTI, p. 3.

⁴³ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 579.

⁴⁴ BRIGHENTI, Agenor. *A ação católica e o novo lugar da Igreja na sociedade*. p. 2. Disponível em: <<https://ordosocialis.de/wp-content/uploads/A-Acao-Catolica-e-Sociedade.pdf>>. Acesso em 24 de maio de 2021.

⁴⁵ Cf. BRIGHENTI, p. 2.

⁴⁶ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 579.

⁴⁷ SCOPINHO, 2011, p. 579.

estava muito explícito, de acordo com José Antônio da Silva, na encíclica *Quadragesimo Anno* (QA) de Pio XI onde afirma que o leigo está encarregado de levar o Evangelho em seu meio.⁴⁸

2.2 O LEIGO NO CONCÍLIO VATICANO II

A partir da modernidade a Igreja começa a tomar consciência da participação do leigo na Igreja e no mundo. Essa reflexão sobre a missão do leigo só foi possível devido às inúmeras transformações históricas e às questões que foram levantadas pelo mundo moderno. Antes, a Igreja não tinha uma reflexão bem elaborada sobre a missão do leigo, não existia ainda uma teologia do laicato, o que se tinha de reflexão estava contida na Ação Católica ou sobre o sacerdócio universal dos crentes.

De acordo com Scopinho, três pontos foram decisivos para a elaboração de uma teologia do laicato: o primeiro foi a doutrina eclesiológica vigente; o segundo foi a participação do leigo na Ação Católica e o terceiro foi a questão do mundo secular como problema teológico.⁴⁹

Assim, de uma preocupação consigo mesma, diante de um processo de secularização crescente, a Igreja abriu-se para o diálogo com o mundo moderno, entendido como espaço privilegiado de atuação do laicato. Esse diálogo influenciou a reflexão eclesiológica e o processo de elaboração da “teologia do laicato”, que teve a contribuição de importantes teólogos que refletiram sobre o tema.⁵⁰

Nesse contexto de mudanças e de reflexão sobre o laicato, três teólogos católicos foram imprescindíveis: Yves Congar, o belga Edward Schillebeeckx e Hans Urs Von Balthasar.

Conforme Scopinho pontua, Balthasar critica os leigos da Ação Católica chamando-os de clericalizados. Para ele, o apostolado dos leigos acontece nos “Institutos Seculares, cujos membros são leigos, mas que se devotam totalmente ao apostolado”. No meio desse debate sobre qual é, de fato, a missão do leigo, Congar escreve alguns artigos onde apresenta o leigo como aquele que tem o compromisso de ordenar as realidades temporais e de instaurar o reino de Deus no mundo.⁵¹

⁴⁸ Cf. SILVA, José Antônio da Silva. *O leigo no Magistério da Igreja: uma breve análise por meio dos seus documentos*. Revista de Cultura Teológica vol. 19. 2011. p. 80. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15343/11459>>. Acesso em 24 de maio de 2021.

⁴⁹ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 590.

⁵⁰ SCOPINHO, 2011, p. 590.

⁵¹ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 591.

Os debates e reflexões nesse sentido são inúmeros, surge o Código de Direito Canônico (CIC) que traz a seguinte definição de leigo:

Os leigos, uma vez que, como todos os fiéis, são deputados para o apostolado em virtude do batismo e da confirmação, têm a obrigação geral e gozam do direito de, quer individualmente quer reunidos em associações, trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens e em todas as partes da terra; esta obrigação torna-se mais urgente nas circunstâncias em que só por meio deles os homens podem ouvir o Evangelho e conhecer a Cristo.⁵²

Schillebeeckx refletiu sobre o leigo e afirmou que este é membro da Igreja e, como consequência, protagonista da missão evangélica. A compreensão de que leigo é aquele “sem cargo” deve ser vista de forma positiva porque são os leigos que podem adentrar os diversos grupos sociais.⁵³

Assim os direitos dos leigos começam a ser plenamente reconhecidos pela Igreja que passa a refletir mais sobre a missão e o protagonismo do leigo na Igreja e no mundo. Uma das contribuições mais importantes foi a de Karl Rahner, um dos maiores teólogos e divulgadores do Concílio Vaticano II, que contribuiu ainda mais para a compreensão da teologia laical.

Karl Rahner, por sua vez, começou a escrever sobre o laicato a partir de 1954. Na sua primeira reflexão, ele colocou o elemento distintivo do leigo na relação com o mundo temporal. O leigo é um cristão e seu apostolado está relacionado com o papel que ocupa na sociedade temporal. Quando o leigo se dedica completamente ao apostolado eclesial, abandonando suas atividades leigas ordinárias, deixa de ser leigo.⁵⁴

Todas essas reflexões, conforme Andreatta, e novas propostas da contemporaneidade impulsionaram o Papa João XXIII a convocar a realização de um concílio ecumênico, o Concílio Ecumênico Vaticano II, que teve sua abertura em outubro de 1962 estendendo-se até dezembro de 1965. Sua proposta era de um *aggiornamento eclesial (atualização da Igreja)*, uma reconciliação com a modernidade e a saída de uma Igreja da Contra-Reforma e de Cristandade para uma Igreja que dialoga com os problemas dos homens de hoje.⁵⁵

O Movimento Leigo teve uma contribuição peculiar para a aproximação eclesial com a modernidade. Nascido em meio às transformações e exigências socioculturais do período entre guerras, está na base da preparação do Concílio Vaticano II: “os leigos da Ação Católica levaram os colegiais [...] e pessoas dos meios independentes [...] a inserirem-se nos seus ambientes específicos a tal ponto que eles trouxeram para dentro da Igreja toda a problemática e reflexão moderna de seus meios. Essa atuação do

⁵² CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (CIC). Conferência Episcopal Portuguesa: Lisboa, 1983. cân. 225. § 1.

⁵³ Cf. SCOPINHO, 2011, p. 591.

⁵⁴ SCOPINHO, 2011, p. 591.

⁵⁵ ANDREATTA, Cleusa. *Apontamentos sobre o contexto teológico do Vaticano II*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. n. 401 - Ano XII - 03/09/2012, p. 5.

laicato no mundo, seu engajamento, assumindo a entrada da modernidade pela via do movimento leigo teve um reforço na teologia do laicato que se impregnara de ideias da modernidade.⁵⁶

O Sagrado Concílio Vaticano II é eminentemente pastoral e sua proposta era de ser sinal de renovação e abertura, prezando mais pela presença que pela palavra. É nítido a sua abertura em relação aos leigos e representa um momento de autoconsciência eclesial.⁵⁷

Por ser um concílio dinâmico com duas ações particulares e importantes para a Igreja, o debruçar-se sobre si mesma e ao mesmo abrir-se ao mundo, dois documentos são fundamentais para a compreensão desse dinamismo: a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes*, e estas estruturam toda a construção teológica e pastoral do Concílio.⁵⁸

No primeiro capítulo, refletimos sobre o mistério de ser Igreja, sua missão, seu fundamento e sua composição. Essa reflexão foi necessária para compreendermos melhor sobre a natureza e a vocação de cada membro partícula da Igreja de Cristo. Entender que cada membro do Corpo Místico de Cristo participa de sua missão de forma efetiva contribui para uma boa elaboração do entendimento sobre o leigo e sua missão na Igreja e no mundo (termo que se repete bastante).

O Concílio Vaticano II caracterizou na articulação da Igreja em duas partes: *eklésia ad intra e eklésia ad extra*. Pensar sobre si mesma, como faz a *Lumen Gentium*, para poder ser enviada para realizar sua missão no mundo. Ao analisarmos brevemente a estrutura da *Lumen Gentium*, poderemos ver que os pontos se articulam de maneira harmoniosa. À Igreja é apresentada no primeiro capítulo a perfeita comunhão trinitária e que essa comunhão é o modelo de comunhão para todos os membros de Cristo.

O segundo capítulo coloca todos os membros da Igreja no mesmo “nível”, todos são povo de Deus. Esse ponto é importante porque reconhece todos os batizados, leigos e ordenados, como membros do mesmo corpo e pertencentes ao mesmo povo. Nesse sentido, os leigos são elevados e seu valor é plenamente reconhecido. Todos os batizados possuem a missão comum na Igreja: em ser testemunhas fiel de Cristo na Igreja e no mundo. Nesse ponto, é interessante a observação de Marcia Terezinha Cezar Mine Geraldo:

Na Igreja Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo, todos fazem tudo, mas não da mesma maneira. Nessa realidade, cada cristão vai naturalmente

⁵⁶ ANDREATTA, 2012, p. 6.

⁵⁷ GERALDO, 2016, p. 42.

⁵⁸ GERALDO, 2016, p. 43.

assumindo a única missão da Igreja, a partir de seus dons, de sua vocação pessoal, que se realiza eventualmente em seu ministério particular.⁵⁹

Os cristãos leigos passam a ter mais autonomia e maior reconhecimento de sua identidade cristã, tendo seus direitos garantidos e também atenção da Igreja para sua missão particular e universal. Nesse aspecto, os leigos entram como participantes e colaboradores do ministério pastoral, assumindo deveres e posições que antes eram reservadas apenas para os membros da Ordem Sagrada.

Pode-se notar que o Concílio Vaticano II foi o impulso que a Igreja precisava para debruçar-se sobre a teologia e refletir mais ao propor uma teologia do laicato. O cristão leigo reconhecido e tendo a seu dispor as reflexões oficiais da Igreja sobre seu ministério, pode participar de forma mais efetiva e relevante na divulgação da mensagem cristã e na inserção do Reinado de Deus no mundo.

Nota-se o interesse da Igreja no ministério laical e na ênfase que ela dá ao leigo, por exemplo, ao dedicar um documento inteiro para compreender melhor o ministério, missão e vocação dos leigos na Igreja e no mundo. Também a *Apostolicam Actuositatem*, já citada várias vezes, traz uma enorme contribuição para a teologia do laicato.

A reflexão da Igreja sobre o protagonismo dos leigos não é superficial, como antes, mas é profunda e frutífera, aberta a novas possibilidades. Essa abertura pode ser vista nos vários movimentos e ações que surgiram posteriormente que tiveram e têm como temática principal, o leigo.

2.3 O LEIGO NOS DOCUMENTOS APÓS O CONCÍLIO VATICANO II

Por muito tempo o cristão leigo foi visto como “aquele que não é”. Não é ordenado, não é do clero. A sua definição tinha uma conotação negativa na história da Igreja. Com a evolução histórica e com os movimentos que surgiram na história da Igreja, “aquele que não é” passou a ser aquele que é: membro do Corpo de Cristo com missão e vocação própria e configurados ao múnus cristão.

O Concílio Vaticano II veio com uma força transformadora e comunicadora dessa realidade já que a própria compreensão dos cristãos sobre o ministério leigo mudou bem antes

⁵⁹ GERALDO, 2016, p. 44.

do Concílio. O Vaticano II serviu, nesse sentido, para comunicar e divulgar o verdadeiro sentido do laicato, já que o leigo tem no concílio uma atenção especial.

Todas as transformações históricas pré-conciliares serviram de base para a reflexão no concílio, de maneira positiva ou negativa. Basta adentrar um pouco na reflexão para notar o significado que a palavra “leigo” tomou dentro do Iluminismo e da Revolução Francesa. De acordo com Konings “o vocábulo virou característico do laicismo e do Estado laico, apontando para a emancipação, neutralidade ou até inimizade em relação ao clero e à religião como tal”.⁶⁰

O Vaticano II tratou dessas compreensões equivocadas e procurou esclarecer o real pensamento da Igreja sobre o leigo. O pós Concílio Vaticano II se desdobrou muitas outras reflexões que servirão de norteadoras para a teologia do laicato. As novas experiências e tecnologias também vão contribuir para a reflexão sobre a missão e vocação do leigo.

O documento 62 da CNBB afirma algo que nos deixa alerta:

O cristão olha para o mundo com realismo e com esperança. Procura reconhecer nele os sinais da vontade de Deus e os caminhos que apontam para o Reino, assim como distinguir os obstáculos e as forças do mal que impedem a sociedade humana de avançar na direção da justiça, da paz e da fraternidade.⁶¹

O leigo pós Vaticano II, apesar de sua consciência de pertencimento à Igreja, enfrenta desafios novos e mais complexos, uma realidade contraditória e até mesmo fragmentada. O discernimento espiritual neste momento histórico é bem mais complexo, sendo difícil fazer julgamentos corretos ou compreender os rumos da história (CNBB. Doc. 62, n. 11). Nesse sentido, o documento 62 afirma que o dever de cada cristão é discernir profundamente os sinais da graça e as sequelas do pecado, além de se esforçar para compreender a realidade e buscar novos caminhos (CNBB. Doc. 62, n. 12)

É imprescindível que leigos e pastores estejam aliados nessa busca. Os sagrados pastores auxiliam o leigo na sua missão de santificar as realidades terrenas e o leigo oferecendo suporte aos pastores para que governem e ensinem a Igreja com maior conhecimento dos desafios enfrentados pelos leigos.

Se “o caráter secular caracteriza os leigos” e se “a vocação própria dos leigos é administrar e ordenar as coisas temporais”, então é fundamental que os leigos estejam inseridos nas mais diversas realidades terrenas e grupos sociais, em todas as profissões e trabalhos, dentro de suas famílias para que vivam segundo o espírito do Evangelho, sendo como fermento de

⁶⁰ KONINGS, 2018, p. 140

⁶¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – *Missão e Ministérios dos cristãos leigos e leigas*. (Documento 62). São Paulo: Paulinas, 1999, n. 10. Texto disponível em <https://www.cnlb.org.br/?wpfb_dl=7>. Acesso em 03 de dezembro de 2021.

santificação no mundo (CNBB. Doc. 62, n. 5). Assim a atividade pastoral do leigo é extensão da ação pastoral da Igreja. Os leigos, pastoreados pela Igreja são enviados para pastorear o mundo, difundindo a mensagem evangélica.

O Documento da Conferência Episcopal da América Latina e Caribe de Aparecida (DA)⁶² afirma com veemência que:

Os leigos também são chamados a participar na ação pastoral da Igreja, primeiro com o testemunho de vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e outras formas de apostolado, segundo as necessidades locais sob a guia de seus pastores. Estes estarão dispostos a abrir para eles espaços de participação e confiar-lhes ministérios e responsabilidades em uma Igreja onde todos vivam de maneira responsável seu compromisso cristão. (DA 211).

Os sagrados pastores devem confiar aos leigos atividades que possam favorecer seu apostolado e seu ministério, de modo que ambos, tanto os leigos quanto os pastores sejam mutuamente favorecidos. A Igreja nos últimos anos tem vivido e experimentado uma atividade com ênfase no ministério dos leigos que têm ampliado seu campo de atuação e evangelização nos meios seculares.

Como vimos anteriormente, o ministério leigo jamais pode deixar de existir e é através dele que a Igreja intervém nas realidades sócio-econômicas e políticas. Os leigos são enviados pela Igreja ao mundo com a missão de expandir a mensagem do Reino e implantar a verdade evangélica nos meios em que estão inseridos. Na atualidade, com o constante ataque às famílias, especialmente aos membros mais indefesos, como as crianças, os leigos têm um papel fundamental que é, através de seu testemunho de vida, defender a família e lutar para que ela não seja menosprezada pelas sociedades atuais.

O leigo como membro de uma família e representante fiel da Igreja, através de suas atividades seculares como o trabalho e a política, associações em projetos que visam defender a vida e os valores cristãos pode alcançar e evangelizar um maior número de pessoas. Além disso, é o leigo que está mais próximo às realidades seculares, não apenas como observador, mas também como protagonista de atividades que envolvem todos os grupos sociais.

Por isso que, na atualidade, é imprescindível o papel de protagonismo dos leigos, visto que o ministério leigo, como já dito antes, tem um papel duplo na Igreja e no mundo: fazer com que essas duas realidades se comuniquem, levando problemas do mundo e propondo soluções viáveis para ele.

⁶² DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto Exclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2007.

No Brasil, com o problema da desigualdade mais acentuada (uma das maiores do mundo), o problema do desemprego que atinge milhões e a lentidão da Reforma Agrária (CNBB Doc. 62, n.16), além de manifestar no campo político e econômico a ausência de valores éticos e morais como: a garantia dos direitos básicos de toda pessoa humana, a primazia do trabalho, a solidariedade, o cristão leigo é chamado a avaliar com maior profundidade as consequências dessas inversões de valores e a propor ideias que possam combatê-las (CNBB Doc. 62, n.17).

3 PERSPECTIVAS PASTORAIS PARA A ATUAÇÃO DOS LEIGOS NOS PRÓXIMOS ANOS

O Concílio Vaticano II proporcionou um maior engajamento e atuação dos leigos. A partir desse grande evento eclesial ecumênico os leigos foram impulsionados com mais ousadia. É possível perceber uma identidade laica pré e pós-vaticano. Antes, a consciência sobre a missão e vocação do leigo no mundo era obscurecida pelo clericalismo tão presente na Igreja, mesmo entre os próprios leigos.

A partir do Vaticano II, a consciência do protagonismo do leigo se configurou com maior ênfase e a participação de todos os membros da Igreja na evangelização se tornou realidade teológica e eclesial. Os sacerdotes foram importantes nessa reviravolta reflexiva e incorporação da identidade laical no pensamento e na ação pastoral. Vários documentos dedicaram total atenção ao ministério dos leigos.

O documento 105 da CNBB, em sua introdução já afirma que “todo cristão leigo é chamado a ser sujeito eclesial para atuar na Igreja e no mundo”⁶³. Além disso, há uma afirmação sobre a configuração característica do leigo que é o caráter secular: administrar e ordenar as coisas temporais (CNBB. Doc. 105, n. 5).

Esse novo ordenamento teológico sobre a identidade e missão do leigo foi acolhido dentro da proposta da “Igreja em saída” do Papa Francisco⁶⁴. O leigo se configura e conecta de maneira tão profunda com a realidade que o cerca. Ele é, ao mesmo tempo, agente da Igreja e também do mundo. Representa os interesses do homem contemporâneo com suas dores, problemas, sofrimentos e desafios, e como agente da Igreja intervém de maneira positiva, não apenas para auxiliar o homem nos seus desafios, mas apontar caminhos, elaborar propostas e iluminar as realidades humanas com o evangelho.

Os leigos, como o documento 105 da CNBB afirma, são verdadeiros sujeitos eclesiais. Isso significa que os leigos representam de maneira verdadeira a Igreja, são sujeitos, agentes da Igreja que atuam no mundo. Pode parecer simples, mas essa afirmação é profundamente teológica e nela o leigo é plenamente reconhecido como capaz de representar a Igreja e comunicar suas verdades (CNBB. Doc. 105, n. 10).

⁶³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade. (Documento 105). 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2016 n. 1.

⁶⁴ Cf. DANTAS, Erivaldo. *Por uma “Igreja em saída”*. Vida Pastoral. janeiro – fevereiro de 2020 - ano 61 - número 331 – p. 30-37. Disponível em <[Por uma “Igreja em saída” | Vida Pastoral](#)>. Acesso em 03 de dezembro de 2021.

No primeiro capítulo do mesmo documento, a referência imediata que é trazida à memória dos leitores é a de que os discípulos de Jesus são sal da terra e luz do mundo, que também são os ramos da videira verdadeira, isto é, Jesus. E por isso, só produzem frutos e possuem vitalidade se estiverem conectados em Jesus (CNBB. Doc. 105, n. 14).

Apesar de ser uma realidade espiritual e sobrenatural, é importante que não se perca de vista que a Igreja composta dos discípulos de Jesus vive e se relaciona com o mundo, não de forma apática ou imparcial, mas de maneira profunda e frutífera. Essa dúplici realidade, destacada em vários momentos neste trabalho, é o que configura e caracteriza todos os membros do Corpo de Cristo e de maneira mais particular, os leigos que vivem no mundo e são Igreja.

Os desafios que surgem para o cristão leigo são vários, e pode-se perceber no relacionamento do cristão leigo com o mundo uma relação parecida com a encarnação de Jesus que assume a natureza humana e a eleva, mas não a anula, pelo contrário, a consagra a Deus. Da mesma forma, o cristão leigo, de modo particular, tem a missão de se relacionar com os homens e mulheres contemporâneos, dialogando com eles com o intuito de não anular, mas de santificar e elevar a dignidade humana, como faz o próprio Cristo.

O cristão leigo é um personagem importante nesse sentido, visto que é ele que tem maior abertura para o diálogo com as pessoas e seus problemas, uma vez que ele também enfrenta os mesmos problemas que os homens contemporâneos. Uma parte importante dessa missão é de assistir os pobres e necessitados. No mesmo Espírito que impulsionou o Concílio Vaticano II, os discípulos de Jesus são impulsionados a buscarem meios de servir o próximo, meios de se tornarem “próximos” do próximo. Essa missão e vocação de ser membro da Igreja e do mundo é muito bem destacada pela exortação apostólica *Christifideles Laici*:

Ao descobrir e viver a própria vocação e missão, os fiéis leigos devem ser formados para aquela unidade, de que está assinalada a sua própria situação de membros da Igreja e de cidadãos da sociedade humana. Não pode haver na sua existência duas vidas separadas: por um lado, a chamada vida “espiritual”, com os seus valores e exigências; e, por outro, a chamada vida “secular”, ou seja, a vida da família, do trabalho, das relações sociais, do empenho político e da cultura. (ChL 59)

Esse reconhecimento por parte da Igreja de que não pode haver essa dicotomia entre vida espiritual e secular, é importante para que o cristão leigo assuma com mais ousadia sua missão no mundo para transformá-lo a partir de sua existência.

3.1 A ATUAÇÃO DOS LEIGOS NA VIDA PÚBLICA

O mundo contemporâneo vive imerso em idolatrias que se manifestam sob as mais variadas formas, algumas das quais se diferem na ideologia, outras na maneira sutil que possuem de se espalhar pelo mundo. Nesse contexto, os cristãos leigos são chamados, de modo incisivo, a combater essas idolatrias.

Ao descobrir e viver a própria vocação e missão, os fiéis leigos devem ser formados para aquela unidade, de que está assinalada a sua própria situação de membros da Igreja e de cidadãos da sociedade humana. Não pode haver na sua existência duas vidas separadas: por um lado, a chamada vida “espiritual”, com os seus valores e exigências; e, por outro, a chamada vida “secular”, ou seja, a vida da família, do trabalho, das relações sociais, do empenho político e da cultura. (ChL 59)

Esse reconhecimento por parte da Igreja de que não pode haver essa dicotomia entre vida espiritual e secular, é importante para que o cristão leigo assuma com mais ousadia sua missão no mundo para transformá-lo a partir de sua existência.

3.1 A ATUAÇÃO DOS LEIGOS NA VIDA PÚBLICA

O mundo contemporâneo vive imerso em idolatrias que se manifestam sob as mais variadas formas, algumas das quais se diferem na ideologia, outras na maneira sutil que possuem de se espalhar pelo mundo. Nesse contexto, os cristãos leigos são chamados, de modo incisivo, a combater essas idolatrias.

Uma das idolatrias que foram sublinhadas pelo Papa Francisco nos últimos anos, de acordo com a Pontifícia Comissão para a América Latina (PCAL), foi a do dinheiro, que se manifesta no pecado da avareza e que deixa sequelas na sociedade, sequelas difíceis de serem superadas como a desigualdade, as injustiças sociais, violências e exclusões.⁶⁵

Desigualdades sociais iníquas mostram que há poucos que acumulam poder e fortuna de modo escandaloso diante de multidões rejeitadas, excluídas, descartadas, condenadas à luta pela sobrevivência. [...]Sofremos crescentes atrasos em nossos sistemas educacionais e o bem dos processos de democratização transluz também todas as fragilidades e misérias de nossas instituições. (PCAL. Doc. 44, p. 22).

⁶⁵ PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA. *O indispensável compromisso dos leigos na vida pública dos países latino americanos. Recomendações pastorais*. (Documento 44). São Paulo: Paulinas, 2016, p. 21.

O leigo é chamado a intervir nesses meios onde a desigualdade é acentuada e, por isso, há um grande interesse por parte da Igreja em prepará-los e enviá-los ao mundo. Como o caráter fundamental do leigo é a vida secular, é através dele que a Igreja intervém e santifica as realidades mundanas. Por causa dos crescentes ataques à dignidade da pessoa humana é que o leigo precisa estar presente em todos os contextos sociais, para que, através de sua vida secular, Cristo seja glorificado. A Igreja insiste em reafirmar que a evangelização de todos os povos e de todos os âmbitos da vida social humana caracteriza a particular missão dos cristãos leigos e leigas. (CNBB. Doc. 105, n. 168). “Os leigos colaboram na obra de evangelização da Igreja e participam da sua missão salvífica, ao mesmo tempo como testemunhas e como instrumentos vivos, sobretudo se, depois de chamados por Deus, são aceitos pelos bispos para esta empresa” (AG 41).

Muitos são os pontos positivos que podem ser destacados nos últimos anos sobre o ministério e vocação do leigo. De acordo com o documento 105, a ação evangelizadora dos leigos aumentou e se fortaleceu na Igreja, aumentou o número de cristãos leigos que exercem o ministério de teólogos e pregadores da palavra, especialistas em conhecimentos bíblicos, espiritualidade, liturgia, entre outros (CNBB. Doc. 105, n. 24-26).

Entre os leigos, a Igreja pode notar o aumento da consciência missionária. Em diversos lugares estão sendo alcançadas novas pessoas, leigos visitando os hospitais, acolhendo os órfãos e viúvas, visitando os presídios e periferias, além do incansável compromisso dos leigos com a família: jovens, crianças, mulheres e idosos são assistidos em suas necessidades. A Igreja afirma positivamente que os leigos:

São inabaláveis na fé, solidários e fraternos, fortes na oração, humildes no perdão, silenciosos na ação, experientes na vida mística e na espiritualidade da cruz. Com alegria e perseverança, visitam as casas, os hospitais, os presídios, as periferias, e atuam em movimentos eclesiais, sociais e políticos, colaborando na santificação das estruturas e realidades do mundo: CNBB. Doc. 105, n. 29.

Nesse sentido, o engajamento dos leigos nos meios e nos assuntos que são de interesse da Igreja aumentou significativamente, principalmente em relação à luta pela manutenção e promoção da dignidade humana. A luta pelo direito à vida, o cuidado com crianças, jovens, adolescentes, mulheres e idosos, além do cuidado com os mais frágeis, imigrantes, portadores de hanseníase e de HIV e todas as pastorais voltadas para o cuidado da pessoa humana progrediram bastante (CNBB. Doc. 105, n. 30).

A contribuição dos leigos *ad intra* e *ad extra ecclesia* tem aumentado bastante. Muitos leigos se empenham em se qualificar para administrar melhor os seus bens e também para contribuir com a Igreja na pastoral do dízimo, exigindo transparência no que diz respeito às contabilidades das comunidades, além de abolirem, em festas que envolvem a Igreja, a venda de bebidas alcoólicas. Em comunhão com seus pastores, os leigos auxiliam nos planos das pastorais das paróquias e dioceses, abraçam a dimensão social do evangelho e contribuem na ação evangelizadora da Igreja (CNBB. Doc. 105., n. 31-32).

Esses avanços no ministério dos leigos são fundamentais para a animação da fé na Igreja, no entanto, devem ser considerados alguns dos pontos que ainda necessitam de melhorias, alguns recuos que podem ser vistos com relação ao espaço já conquistado pelos leigos.

3.2 O ROSTO DO LAICATO NO MUNDO GLOBALIZADO E ALGUNS DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS

O ministério dos leigos obteve importantes avanços nos últimos 50 anos. Vários movimentos e pastorais surgiram como resposta ao novo contexto que foi se tornando cada vez mais desafiador. No entanto, é importante dizer que a Igreja ainda está longe de alcançar todos os seus objetivos e que os leigos também enfrentam muitos problemas atuais que requerem maior atenção e esforço na sua resolução. Embora seja desafiador para toda a Igreja, de modo especial, são os leigos que protagonizam essas questões que serão abordadas.

É notório que em certos contextos a presença do leigo não é tão evidente quanto poderia ser. O mundo como lugar principal de atuação dos leigos, necessita de um envolvimento mais elementar destes em alguns contextos importantes como nas universidades, dentro das empresas e do trabalho, na política, no judiciário, na cultura e nas áreas médicas (CNBB. Doc. 105. n. 39).

Como é frisada pela Igreja, a sociedade vive uma “época de mudanças e uma mudança de época”. E nesse contexto de mudança de mentalidade, alguns fenômenos podem afetar positiva ou negativamente o mundo e a Igreja. Um deles é o fenômeno da globalização que

atinge todos indistintamente.⁶⁶ É nesse contexto que os leigos precisam se empenhar ainda mais para que o Evangelho também alcance todos os povos.

Mudanças de época, de fato, afetam os critérios de compreensão, os valores mais profundos, a partir dos quais se afirmam identidade e se estabelecem ações e relações. Além disso, constata-se o aumento progressivo do relativismo, a ausência de referências sólidas, o excesso de informações, a superficialidade, o desejo a qualquer custo de conforto e facilidades, a aceleração do tempo, trazendo desafios existenciais e produzindo incertezas, precariedade, insegurança, inquietação (CNBB. Doc. 102, n. 21).

Esses problemas acarretam uma série de outros desafios e exigem cada vez mais um melhor preparo e atuação dos leigos e de toda a Igreja nas estruturas sociais e nos movimentos de evangelização dessas estruturas. Não se pode negar que com a difusão do individualismo, do fundamentalismo e do relativismo, a família é a que mais sofre com essa crise cultural (CNBB. Doc. 102, n.21). A exortação de São João Paulo II sobre a missão dos leigos já afirmava que:

[...] que os fiéis leigos escutem o chamamento de Cristo para trabalharem na sua vinha, para tomarem parte viva, consciente e responsável na missão da Igreja, nesta hora magnífica e dramática da história, no limiar do terceiro milênio. Novas situações, tanto eclesiais como sociais, econômicas, políticas e culturais, reclamam hoje, com uma força toda particular a ação dos fiéis leigos. Se o desinteresse foi sempre aceitável, o tempo presente torna-o ainda mais culpável. Não é lícito a ninguém ficar inativo (ChL 3).

A participação dos leigos é sem dúvida um dos pontos mais frisados nos documentos pós conciliares. Não apenas porque a Igreja percebeu a necessidade de um envolvimento maior dos leigos, mas também porque os leigos são o ponto de contato entre a Igreja e o mundo e são eles que são chamados para evangelizarem de maneira mais profunda as realidades temporais, além do fato de que são os leigos que formam novas famílias e são eles que estão mais presentes na família.

Por serem, de fato, os protagonistas da missão evangelizadora os leigos precisam desempenhar essa missão. Necessitam tomar consciência de que não são apenas expectadores ou agentes passivos da missão da Igreja, mas são agentes ativos da missão da Igreja no mundo. Também são os leigos os mais atingidos pelas crises culturais e ideológicas porque estão mais ligados ao mundo, e dessa forma, são eles que através do testemunho de vida podem transformar e santificar essas realidades. Isso não significa que o leigo não possua outras ênfases ou outros

⁶⁶ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. (Documento nº 102). São Paulo: Paulinas, 2016, n. 20.

enfoques ministeriais dentro da Igreja, mas que a “índole secular é própria e peculiar aos leigos”, como já foi dito antes (LG 31).

Essa índole secular deve ser compreendida a partir de um correto aprofundamento teológico à luz do plano de salvação de Deus e do mistério da Igreja. Sem esse correto aprofundamento teológico, corre-se o risco de não compreender o chamado e missão do leigo, ou ainda pior, compreender de forma equivocada a missão e a vocação do leigo em sua índole secular. Por isso, é necessário compreender bem o pensamento conciliar a respeito da índole secular, como expressa São João Paulo II:

Efetivamente, o Concílio descreve a condição secular dos fiéis leigos indicando-a, antes de mais, como o lugar onde lhes é dirigida a chamada de Deus: “Aí são chamados por Deus”. Trata-se de um “lugar” descrito em termos dinâmicos: os fiéis leigos “vivem no século, isto é, empenhados em toda e qualquer ocupação e atividade terrena e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência”. Os fiéis leigos são pessoas que vivem a vida normal no mundo, estudam, trabalham, estabelecem relações amigáveis, sociais, profissionais, culturais, etc. O concílio considera essa sua condição não simplesmente como um dado exterior e ambiental, mas como uma realidade destinada a encontrar em Jesus Cristo a plenitude do seu significado (ChL 15).

O estar no mundo, empenhado e envolvido nos relacionamentos socioculturais é para o cristão leigo uma realidade que tem por finalidade fazer Jesus Cristo ser conhecido por todas as gentes. Dessa forma, a evangelização das camadas sociais ocorre de acordo com os princípios do evangelho e é através da vida do leigo que a Igreja se faz mais presente e participativa na vida de todos os homens, tornando-se sinal de salvação para as pessoas.

Na atualidade, com os problemas que decorrem de vários fatores como a polarização política, a diversidade cultural e ideológica e os movimentos ativistas contra os valores mais intrínsecos da família, a participação dos cristãos leigos como agentes da Igreja tornou-se muito mais emergente, não é apenas circunstancial, mas necessária para o próprio desenvolvimento humano e o bom funcionamento das estruturas sociais e econômicas.

O problema da corrupção e da má distribuição de renda que gera desigualdade e miséria na sociedade, a intensa luta a favor do aborto, além das ideologias de emasculação feminina e feminização masculina são alguns dos vários problemas a serem enfrentados pela Igreja e, especialmente, pelos leigos.

É imprescindível que os cristãos leigos alcancem e ocupem todas as camadas e grupos sociais, desde educadores até juízes do povo, para que através de suas vidas profissionais possam gerir e administrar os desafios humanos, com o intuito de garantir que as pessoas sejam assistidas em seus direitos mais básicos. A luta pela promoção da dignidade humana é um dos

pontos mais frisados pela Igreja, não apenas por causa das estruturas complexas que escravizam o espírito humano, mas porque essa luta pela dignidade é também o desejo de Cristo para todos os homens.

A teologia da Igreja a partir do Vaticano II é em chave missiológica, uma “Igreja em saída” que está a serviço do reino de Deus e em diálogo com os homens de seu tempo, uma Igreja que encarna profundamente a realidade humana e escancara as portas para que todos entrem e tenham suas feridas e traumas tratados (CNBB. Doc. 105, n. 170).

A Igreja está aberta porque é ela que dá continuidade à teologia do reino, continua a missão de Cristo no mundo sendo comunhão no amor e sempre fiel a Deus e aos seres humanos. Sua essência é missionária e a comunidade eclesial reflete a pericorese divina, a relação de amor na Trindade sendo o modelo e mãe de todos os homens (CNBB. Doc. 105, n. 171).

Desta forma a Igreja realiza no mundo a missão de Deus e os leigos, como aqueles que estão mais próximos dos homens, são essencialmente o objeto desse relacionamento e dessa perspectiva de Igreja que vai em busca dos homens perdidos para salvá-los.

O Papa Francisco quer uma Igreja de portas abertas: uma igreja que se assemelhe a um hospital de campanha; mais forte no querigma do que no legalismo; Igreja da misericórdia mais do que da severidade; Igreja que “não cresce por proselitismo, mas, por atração.” [...] A missão é o máximo desafio, é a primeira de todas as causas, é paradigma de toda a vida da Igreja. Não podemos ficar tranquilos no templo, nem dizer: “foi sempre assim”. A vida é uma missão (CNBB. Doc. 105, n. 172-173).

Os leigos impulsionados pela teologia do laicato pós Vaticano II assumem com maior consciência e ardor missionário a missão de serem sal da terra e luz do mundo. Impulsionados pelas campanhas missionárias eles estão cada vez mais conscientes de que são eles os novos agentes missionários do reino, os novos “pequenos Cristos” que assumem a dor humana para compreendê-la e se comprometem em ajudar os homens na tarefa de promover a dignidade humana e propagar o evangelho de Deus a todos os que abrirem os ouvidos e o coração para a mensagem de Deus.

[...] o cristão discípulo missionário enfrentará, como profeta, as realidades que contradizem o Reino de Deus e insistirá em dizer: “Não a uma economia da exclusão”. “Não a cultura do descartável”. “Não a globalização da indiferença”. “Não ao fetichismo do dinheiro”. “Não a especulação financeira”. “Não ao dinheiro que domina ao invés de servir”. “Não a desigualdade social que gera violência”. “Não à fuga dos compromissos”. “Não ao pessimismo estéril”. “Não ao mundanismo espiritual”. “Não à guerra entre nós”. (CNBB. Doc. 105, n. 177).

Todos esses enfrentamentos atingem a Igreja de uma maneira geral, mas especificamente o apostolado dos leigos, cujo ministério principal se dá no mundo. As lutas se dão de modo a enfrentar as realidades contrastantes com o Reinado de Deus e, ao mesmo tempo, proclamar os valores desse Reinado sem perder o entusiasmo missionário, a alegria e a esperança da evangelização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção histórica do ministério e a vocação dos leigos mudou no decorrer dos anos, desde uma concepção histórica enraizada na cultura greco-romana, perpassando por um entendimento puramente conceitual e linguístico para chegar a uma concepção mais teológica e espiritual.

Essa compreensão teológica recebeu um grande impulso no Concílio Vaticano II e foi sendo desenvolvida em documentos eclesiais posteriores, sejam eles papais, sejam latino-americanos ou emanados da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, como vimos. De alguma forma, esse mesma concepção teológico-espiritual do laicato está se enraizando na própria cultura e contexto atual que a Igreja enfrenta.

Com o florescimento da teologia do laicato, compreendendo o leigo como agente protagonista da missão da Igreja no mundo, sobretudo nas realidades capilares, tem-se uma consciência de que o caminho mais eficaz de alcance dos homens e de uma inserção da cultura do Reinado de Deus no coração do mundo se dá pela vida e atuação do laicato. Nesse sentido, o leigo como protagonista assume a missão que lhe é peculiar e indubitavelmente cumpre eficazmente o mandato missionário do “*ide*” (Mt 28,19) quando, ao assumir e interagir com as realidades humanas encarna a Palavra de Deus em sua vivência.

Nesse sentido, pode-se perceber que as sementes do Reinado de Deus estão sendo espalhadas por todo o mundo e a mensagem de Jesus Cristo está alcançando os confins da terra. Consciente, enraizado no coração da Igreja e inserido no mundo, o leigo enfrenta muitos desafios, dentre os quais continua a lutar pela promoção da família e pelos direitos humanos.

Nos dias atuais, com todas as novas tecnologias existentes e com todo o conhecimento disponível, o leigo caminha em direção a um futuro cheio de desafios, mas agora como protagonista de sua missão no mundo. O mundo é a sua paróquia e nele o leigo prega e vive o Evangelho assim com Cristo no seu tempo. Essa verdade impulsiona ainda mais o leigo a viver a integralidade da palavra de Deus, adquirindo conhecimentos novos, se envolvendo em projetos e propostas novas com o intuito de promover a dignidade humana, sendo guiados e direcionados pela Igreja que assume a responsabilidade de cuidar plenamente das novas famílias que estão sendo alcançadas.

Mesmo com os avanços teológicos, o caminho de conscientização a ser percorrido ainda é longo e requer de cada um esforço para que a consciência da vida, ministério e vocação do cristão leigo cheguem a todos os cristãos leigos. Ainda existem muitos leigos que não têm

consciência de que eles são protagonistas da missão de Cristo, mesmo tendo disponíveis toda a literatura pós-vaticano.

Por isso, os desafios enfrentados pela Igreja envolvem não apenas a preparação do laicato para a vivência de seu ministério, mas também a formação para o discipulado missionário, ensinando os cristãos leigos que ainda não estão plenamente conscientes de quem são Igreja na Igreja e no mundo.

REFERÊNCIAS

ANDREATTA, Cleusa. *Apontamentos sobre o contexto teológico do Vaticano II*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. n. 401 - Ano XII - 03/09/2012.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BRADANINI, Sérgio. *Fundamentos Bíblicos da Missão*. Disponível em: <<http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/2nucleo.pdf>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2021.

BRIGHENTI, Agenor. *A ação católica e o novo lugar da Igreja na sociedade*. Disponível em: <<https://ordosocialis.de/wp-content/uploads/A-Acao-Catolica-e-Sociedade.pdf>>. Acesso em 24 de maio de 2021.

CALVINO, João. *1 Coríntios*. Série Comentários Bíblicos. São Paulo: Fiel Editora, 2013. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/25264676/comentario-de-1-corintios>>. Acesso em 01 de dezembro de 2021.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CEC). Petrópolis: Vozes, 1993.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2016.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (CIC). Conferência Episcopal Portuguesa: Lisboa, 1983.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum Sobre a Revelação Divina*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes Sobre a Igreja no Mundo de Hoje*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium Sobre a Igreja*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Sacrossantum Concilium Sobre a Sagrada Liturgia*, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes Sobre a Atividade Missionária da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o Apostolado dos Leigos* São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade*. (Documento 105). 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2016.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. (Documento nº 102). 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2015-2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – *Missão e Ministérios dos cristãos leigos e leigas*. (Documento 62). São Paulo: Paulinas, 1999.

DANTAS, Erivaldo. *Por uma “Igreja em saída”*. Vida Pastoral. Janeiro – fevereiro de 2020 - ano 61 - número 331 - pág. 30-37. Disponível em <Por uma “Igreja em saída” | Vida Pastoral>. Acesso em 03 de dezembro de 2021.

DIOGNETO, Carta a. Disponível em: <<http://www.corpuschristi.org.br/newsite/wp-content/uploads/2013/02/Carta-a-Diogneto.pdf>>. Acesso em 16 de abril de 2021.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto Exclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2007.

GERALDO, Marcia Terezinha Cesar Mine. *Concílio Vaticano II: Suas decorrências para a América Latina e o Protagonismo do Laicato*. 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26853/26853_4.PDF>. Acesso em: 03 de Maio de 2021.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Christifideles Laici*. A Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo. 16ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

KONINGS, Johan. *O leigo na Sagrada Escritura*. Revista de Teologia da PUCRS. Vol. 48, n. 2. Porto Alegre: 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/32324/17565>>. Acesso em: 09 de junho de 2021.

LOPES, Leandro José. *A Teologia do Laicato na Constituição Dogmática Lumen Gentium e nas Conferências Gerais do Episcopado da América Latina*. Dissertação de Mestrado, sob orientação de Geraldo L. Borges Hackmann. Porto Alegre: 2012. Disponível em <<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5856/1/438775.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2021.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. A Alegria do Evangelho. 1ª ed., São Paulo: Paulinas, 2013.

PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA. *O indispensável compromisso dos leigos na vida pública dos países latino americanos. Recomendações pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2016.

SCOPINHO, Sávio Carlos Desan. *Abordagem etimológica e histórica do leigo no catolicismo*. Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 3, n. 2, julho-diciembre, 2011. Pontifícia Universidade Católica do Paraná Curitiba, Brasil, 2011. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/pdf/4497/449749238013.pdf>>. Acesso em: 03 de maio de 2021.

SENEME, Dom João Carlos. *Jesus escolheu 72 discípulos e os enviou em missão*. Disponível em: < <https://www.opresente.com.br/artigos/jesus-escolheu-72-discipulos-e-os-enviou-em-missao/>>. Acesso em 16 de abril de 2021.

SILVA, José Antônio da. *O leigo no Magistério da Igreja: uma breve análise por meio dos seus documentos*. Revista de Cultura Teológica vol. 19. 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15343/11459>>. Acesso em 24 de maio de 2021.